

LÚCIA
GUIMARÃES

lucia.guimaraes@estadao.com

SEGUNDA-FEIRA
LÚCIA GUIMARÃESTERÇA-FEIRA
ARNALDO JABORQUARTA-FEIRA
ROBERTO DAMATTAQUINTA-FEIRA
LUIS FERNANDO
VERISSIMOSEXTA-FEIRA
IGNÁCIO DE LOYOLA
BRANDÃO
MILTON HATUOMSÁBADO
LAURA GREENHALGH
MARCELO RUBENS
PAIVA
SÉRGIO AUGUSTODOMINGO
VERISSIMO
JOÃO UBALDO RIBEIRO
HUMBERTO WERNECK
FÁBIO PORCHAT

Ressuscitando o mensageiro

Na semana em que jornalistas americanos, como veteranos feridos num hospital de campanha na Primeira Guerra Mundial, comemoraram uma boa notícia, dei uma de Cassandra amarga.

Cinco estudantes de jornalismo de uma escola paulista me entrevistavam via Skype para uma pesquisa sobre jornalismo cultural. No final, uma das perguntas provocou minha reação: “Se fossem minhas filhas, ia tentar convencer todas a trocar de curso”. Ouvi um ruído que soou como um balão de ar esvaziando. Senti na hora que estava batendo uma porta na cara das expectativas de cinco jovens que pareciam levar a sério minha experiência. E achei necessário qualificar meu desabafo.

Mas, antes, a boa notícia para as tropas alquebradas. O excelente Pew Research Center divulgou seu novo relatório sobre o estado da mídia americana e, suspeito, psiquiatras com pacientes na minha profissão começaram a diminuir as doses

de antidepressivos.

A ver: os últimos meses registraram “uma dose de energia” (tradução: trabalho remunerado para jornalistas) como não se via há anos. Novos “atores digitais” estão sacudindo o mercado, casando tecnologia com o recrutamento de nomes da chamada legacy media (tradução: este jornal é legacy media, o blog da Gwyneth Paltrow não é). Jornalistas com grande espaço na legacy media como Glenn Greenwald, ex-*Guardian*, e Ezra Klein, ex-*Washington Post*, partiram para criar novas organizações digitais sob as asas protetoras dos chamados anjos investidores, como Pierre Omidyar, patrono do Intercept, o site investigativo fundado por Greenwald, Laura Poitras e Jeremy Scahill.

Meu colega correspondente, o craque Andrei Netto, está no grupo fundador do Indie Journalism que deve mostrar a cara daqui a pouco e promete investir na grande reportagem, a vítima inevitável do encolhimento das redações.

Depois de quase três décadas como

correspondente da *Newsweek*, o premiado jornalista Mac Margolis – e colunista bilíngue deste jornal – acaba de assumir a chefia do bureau da revista digital *Vocativ* no Brasil.

A moribunda *Newsweek* acaba de voltar à versão impressa e o fiasco de sua capa de estreia – um furo sobre o

Últimos meses registraram uma “dose de energia” na imprensa como não se via há anos

criador da Bitcoin que desmentiu ter qualquer vínculo com a moeda digital – serve de parábola para a necessidade de reinvenção, não de respiração boca a boca.

A fusão de formatos também é motivo para otimismo, com a receita publicitária de vídeo-jornalismo on-line em alta de 44% entre 2012 e 2013.

A outra boa notícia da pesquisa do Pew é o apetite crescente da mídia social por jornalismo e não pelo que a minha prima comeu nas férias em

Salvador.

A publicidade ainda dirige dois terços de sua verba às mídias tradicionais e é cedo para saber se a dependência nos anjos investidores vai se transformar em modelos econômicos autônomos para a emergente mídia digital que contratou 5 mil jornalistas em tempo integral nos Estados Unidos. A muralha entre editorial e comercial continua a ser desafiada e nenhum caso é mais espetacular do que o da Bloomberg News, que censurou uma longa reportagem investigativa sobre corrupção na cúpula do governo chinês, temendo perder seu lucrativo negócio de aluguel de terminais financeiros. O veterano editor da Bloomberg News, Ben Richardson, renunciou em protesto.

Volto à conversa com os estudantes de jornalismo, que ameaçava terminar num tom depressivo. Expliquei que, na minha geração, as conquistas passavam por outros caminhos e, sejam francos, exigiam outros pontos de chegada; que assisti, chocada, ao deslocamento, ao descarte e à supressão de figuras que me serviam de farol quando era estudante; que a progressiva extinção da figura do editor, o filtro entre a apuração dos fatos e sua publicação,

me horroriza. Sou do tempo em que plataforma era associada à prospecção de petróleo ou a um salto que me fez levar vários tombos.

Podem me acusar de indigestão semântica. Quando usam clichês enganadores como ruptura (alguém faz seu trabalho de graça ou por uma remuneração de fome) e sinergia (semana de 7 dias de trabalho) tenho ganas de separar a transformação óbvia da lavagem cerebral marqueteira. Quando um(a) jornalista veterano(a) se coloca por baixo por falta de intimidade com tecnologia, quando pergunta como consigo filmar, editar, assobiar e chupar cana, respondo que este é o menor dos nossos dilemas.

Não vou conseguir iluminar e gravar um vídeo como meu refinado e experiente cinegrafista. O problema é um público e um mercado que deixem de detectar a diferença entre eu sair de galocha capturando guerrilheiramente a chegada do furacão Sandy e dito cinegrafista fazer uma bela gravação na casa de campo de Philip Roth. Apreciar e garantir o tempo e o lugar para as duas coberturas é o desafio, não tentar nos transformar em malabaristas.

Quadrinhos

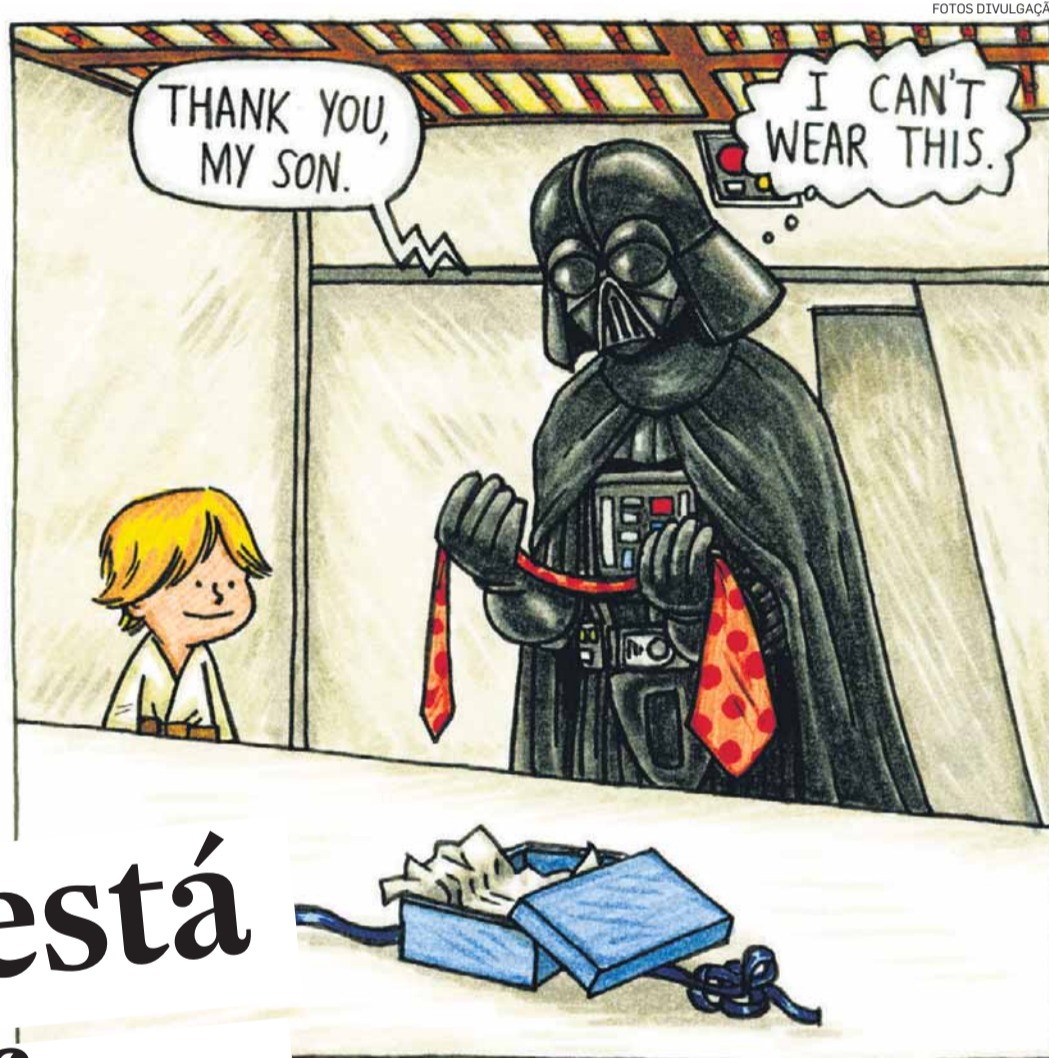
ENTREVISTA

JEFFREY BROWN
QUADRINISTA AMERICANO

Ramon Vítal

ESPECIAL PARA O ESTADO / LONDRES

O quadrinista norte-americano Jeffrey Brown nunca escreveu sobre aventuras cósmicas de super-heróis, mas cruzar entre universos tem sido uma constante em sua carreira recente. Autor independente de histórias autobiográficas sobre relacionamentos, religião, emprego e dramas existenciais, ele virou artista best-seller em 2012 ao lançar o quadrinho *Darth Vader and Son* (Darth Vader e Filho). Protagonizado pelo capanga-mor do Império Galáctico e seu filho Luke Skywalker, o álbum é baseado na rotina de Brown com seus dois filhos pequenos e mostra

A força está
com Jeffrey

Quadrinista norte-americano lança gibi autobiográfico após sucesso com a famosa série ‘Star Wars’

uma versão infantil do herói Jedi acompanhando seu pai em passeios pelo zoológico ou em uma loja de brinquedos.

Após mais dois gibis ambientados no universo criado pelo cineasta George Lucas, Brown está de volta às suas origens em *Children Are Weird* (Crianças São Estranhas, 108 páginas, Chronicle Books, US\$11,53). Recém-lançado nos Estados Unidos e na Inglaterra, o quadrinho retoma os enredos autobiográficos do autor, mas dessa vez com histórias protagonizadas por seu filho mais velho, Oscar.

“Por mais verdadeiras que as histórias sejam, ainda há partes delas que permanecem comigo, que eu não preciso compartilhar”, explica o ilustrador e escritor de 39 anos sobre a veracidade de suas tramas, em entrevista ao Estado. Segundo ele, 2014 promete ser um dos anos mais agitados de sua vida, com mais dois lançamentos dedicados a *Star Wars* e outro sobre seus filhos, além de seu emprego como professor de pintura e ilustração no Instituto de Artes de Chicago, sua cidade natal.

Mesmo fã das aventuras do clã Skywalker, Brown conta não ter esperado a tamanha repercussão que seu trabalho com a série de filmes ganhou. O sucesso das vendas de *Darth Vader*



Brown. Trabalho foi realizado com aval da LucasFilm

and Son contribuiu para o lançamento de outros dois trabalhos. *Vader's Little Princess* (A princesinha de Darth Vader) é sobre o relacionamento do vilão com sua apaixonada filha Leia. Já *Jedi Academy* (Academia Jedi) mostra um jovem aspirante a cavaleiro Jedi em sua rotina com mestres como Yoda. Em julho, ele lança *Jedi Academy 2* e *Good Night Darth Vader*, com as histórias que Darth Vader conta para Luke e Leia dormirem.

Também diretor do clipe da música *Your Heart is an Empty Room*, da banda indie Death Cab for Cutie e ainda inédito no Brasil, Brown falou sobre as ori-

gens de seu trabalho com os personagens de George Lucas, os vários gêneros de suas obras e a produção de outros artistas independentes de sua geração.

● **As prateleiras dedicadas aos seus trabalhos nas lojas de quadrinhos reúnem seus gibis independentes com os trabalhos de *Guerra nas Estrelas*. São universos muito extremos?**

“Não acho, para mim há muitas semelhanças no que diz respeito à audiência e aos temas. São ambos muitos pessoais, mesmo nos livros de *Star Wars*, acabo desenhando minhas próprias experiências. Sinto que todo trabalho que faço reflete minha personalidade e meus sentimentos, tenham eles um tom mais sério ou então mais cômico e divertido.

● **Seu trabalho autobiográfico expõe muito de sua história. O que você sente quando vê outras pessoas lendo seus quadrinhos?** Tento não pensar no que elas estão lendo, quais detalhes íntimos estão descobrindo. Ao mesmo tempo, não é algo que me preocupa ou me deixa desconfortável, já que o mesmo processo de usar essas histórias reais para expressar ideias, de adaptar as memórias para o formato dos quadrinhos, é aquele que também transforma essas

histórias em outra coisa. E, por mais verdadeiras que as histórias sejam, ainda há partes delas que permanecem comigo, que não preciso compartilhar.

● **E o que as pessoas retratadas nos seus livros acham de estar lá? Alguém já não gostou de virar um personagem?**

Na verdade, não. Até aconteceu, mas era mais uma questão de como elas acharam que estavam sendo retratadas, mas sempre em aparições menores, com nada pessoal ou embaraçoso sendo exposto. A maioria das pessoas que compõem minhas histórias entende, acho, que não estou tentando escrever sobre elas, mas sobre emoções, eventos e coisas que vivenciamos.

● **Lendo os seus trabalhos em ordem cronológica, é possível acompanhar as várias mudanças pelas quais sua vida passou. Quais as principais transformações seu trabalho até hoje?**

Acho que a principal mudança foi eu mudar meu foco adolescente, em amor romântico em juvenil, para família e realizações pessoais. Me tornei mais interessado em dar aula e acabo pensando num cenário maior que as emoções imediatas relacionadas a um determinado evento. Espero que as histórias

Relação. Ideia surgiu em campanha para o dia dos pais

que conto hoje façam sentido em um contexto mais amplo, relacionado com mais do mundo.

● **Como começou seu trabalho com a série *Star Wars*?**

Fui procurado pelo Ryan Gormick, chefe da equipe responsável pelas ilustrações da homepage do Google. Ele me perguntou se eu poderia fazer uns rascunhos para uma possível ilustração do Dia dos Pais, eles queriam alguma coisa mostrando como seria esquisito um momento cotidiano entre pai e filho vivenciado por Darth Vader e Luke Skywalker. O Google acabou usando uma ideia diferente, mas fiquei com as ilustrações e transformei em *Darth Vader and Son*.

● **Esperava tal repercussão?**

Agora já lancei três livros de *Star Wars*, com mais três a caminho e alguns itens extras, como cartões postais e diários. Eu achava que o primeiro livro venderia bem por ser *Star Wars*, mas não imaginava que teria a resposta positiva que teve. Não esperava especialmente as reações das crianças e o tanto que elas amam os livros.

● **É famoso o controle que os donos da marca *Star Wars* tem em relação aos produtos relacionados a ela. Como foi trabalhar com esses personagens e até onde ia sua liberdade criativa?**

De certa forma, tive muito pouco controle, pois a LucasFilm tem a palavra final em tudo e eles são muito envolvidos em todas as etapas, do conceito à versão final. Felizmente, eu e meus editores sempre estivemos na mesma sintonia, e sinto que eles confiaram na forma como eu queria escrever e desenhar os livros. No final, os livros acabam melhores com o retorno que recebo da LucasFilm e o nosso relacionamento tem sido bastante tranquilo para mim.

● **Mas os livros de *Star Wars* também têm aspectos autobiográficos?** *Darth Vader and Son* é, de alguma forma, bastante autobiográfico. Estou apenas pegando as minhas histórias como pai e substituindo pelo Luke e o Darth Vader. Acredito que essa é uma das razões para o sucesso dos livros. Eles são tanto sobre encontrar humor nos desafios diários dos pais quanto sobre *Star Wars*.

● **E os próximos trabalhos?**

2014 vai ser um ano bastante agitado. Meu primeiro trabalho vai ser *Kids Are Weird*, com lançamento em março. Depois vem *Goodnight Darth Vader* e *Jedi Academy 2*, no final de julho. Então são vários *Star Wars* mais uma vez, mas estou tentando produzir mais um autobiográfico, dessa vez sobre as coisas estranhas e engraçadas que o meu filho mais velho diz.